

MELO, Irisnete Santos de¹. **FESTA, CACHAÇA E FACA**: violência e construção identitária dos sertões maranhenses nas primeiras décadas do século XX.

Os sertões compõem uma paisagem discursiva onde surgem temporalidades distintas, territórios e práticas culturais em confronto. Corresponde a uma geografia do conflito, tecida frente às dobras dos múltiplos discursos que o edificam.

Ir ao encontro/desencontro com essa cartografia enseja abrir fendas nas fronteiras movediças dos sertões, igualmente, esquadrihar um sertão que é “*movimentante todo-tempo*” (ROSA, 1978), plural, fluído, de fugas, de chegadas, de dentro. Um espaço poroso, onde a permeabilidade de suas fronteiras estilhaça as tentativas de construção identitária dessa territorialidade como bloco monolítico, em diversos fragmentos.

Trazer á baila o tecido sobre o qual estão assentados polissemicamente um leque de discursos encarregados de recortar, adjetivar, estigmatizar, classificar os sertões maranhenses é o fio que conduzirá esta abordagem. A paisagem sertaneja corresponde a um espaço metafórico, em cuja, transitoriedade se abre a perspectiva de olhar para “dentro” dos lugares de conflito em que estão abrigados seus distintos significados.

Espalhado entre dois rios que correm em direções opostas - o Tocantins e o Parnaíba – margeados de campos e de pastoreio. Os “Pastos Bons”², que alimentaram a saga e os devaneios imaginativos dos primeiros povoadores, presente na encenação do mito fundador que compõe os meandros da história oficial.

Enfim, dois rios ligando sujeitos e lugares dinamizando o comércio, proporcionando o intercambio de idéias, gerando o apogeu e decadência de algumas cidades sertanejas: Grajaú, Carolina, Barra do Corda, Santo Antonio de Balsas.(CABRAL, 1992, pág. 161/65) São as margens desses dois rios que se delineiam as vivências e a cartografia dos sertões maranhenses. Eis ai um movimento que nos chama a penetrar nos segredos e ensinamentos que acompanham o itinerário dos rios, das experiências comoventes de sertanejos e de suas travessias pelos sertões maranhenses.

¹ Mestranda em história pela Universidade Federal de Pernambuco.

² Pastos Bons é a designação dada à imensidão de campos, localizados no sul do Maranhão, propícios a pecuária. Foi de onde partiu o núcleo de povoamento dos sertões maranhenses, pelas frentes pastoris baianas e pernambucanas nos fins do século XVIII.

Torna-se difícil conceituar e delimitar essa paisagem discursiva, pois pode corresponder à “todo o interior” do estado; a região da ocupação pastoril; aos espaços “de dentro do interior”.³ Para CARVALHO (2000, p. 66) correspondia ao sul do Maranhão e ao norte de Goiás, representando “*uma vasta região que mal se percebe a divisão político administrativa formando um todo com características comuns*”.

Nessa perspectiva é um espaço tendente a permeabilidade, portanto, terreno fértil para lutas representacionais, verdadeiros campos de batalhas em defesa da preservação da territorialidade, da propriedade e da tradição.

Dessa forma, faz-se urgente trazer à baila discursos antagônicos que convivem e se constituem nas zonas fronteiriças, na contraluz da inserção do sertão na modernidade. A noção de “discurso” aqui apresentada tenta se afastar de sua identificação enquanto algo desligado das práticas sociais. Conforme noção de Foucault, o discurso deve ser percebido, sobretudo, como *acontecimento*, ou seja, enquanto algo que, mais do que mero instrumento de reprodução de uma experiência vivida pelo agente que o manifesta, constitui-se enquanto estratégia política de posicionamento deste dentro de embates sociais. (FOUCAULT, 2003 p. 54)

Tomar o discurso como *acontecimento* demanda a percepção de seu “conjunto”, composto pelo jogo de noções envolvendo regularidades, causalidades, descontinuidades, dependências e transformações (op. cit, p. 56-57). Dessa forma, só é possível a crítica ao discurso através da análise do contexto que lhe dá sentido.

O sertão ainda é o Brasil: identidades insurgentes.

Ritmados pela ânsia de progresso, que acelerou a relação tempo e espaço entre os fins do século XIX e todo o século XX, os discursos de políticos e intelectuais se voltam para os sertões do país em busca de medidas salvacionistas que permitissem integrar e estreitar os laços com o litoral. (MACHADO, 1928; SANTIAGO, 1929) Os desafios, a partir de então, aparecem na forma de projetos que propunham à abertura de estradas de rodagem, a desobstrução dos rios, a instalação de linhas telegráficas, de projetos ferroviários, e de campanhas que adentravam o núcleo central do país para saná-lo, diagnosticá-lo e modernizá-lo.

³ É comum encontrarmos na documentação consultada a expressão “fulano viajou para o sertão” em se tratando do “interior do interior”, ou seja, as regiões mais recônditas do interior.

Levando-se em conta que as imensas barreiras geográficas e culturais, essas sempre foram um entrave para os sertões, em se tratando de uma cartografia que foi esquadrihada tanto nas veredas abertas pelo gado quanto tecida nas vias fluviais. No Maranhão o alvo desses discursos passa a ser a dinamização e expansão do mercado maranhense já bastante enfraquecido pelo isolamento do sul do Maranhão com os estados vizinhos. Nos discursos de alguns líderes são tecidas imagens que contribuem para a elaboração de uma “ideologia do abandono” em que estaria envolto essa espacialidade. Responsabilizando o isolamento e o entrave do desenvolvimento da região pela falta de incentivos financeiros por parte do governo do estado.

Como aponta a leitura de apelo idílico de morador dos sertões: (O Tocantins, 01/03/1916

(...)couberam-nos ubérrimas terras, de fertilidade pasmoza, onde o grão produz cento por um. Rios qual, Tocantins, qual, Araguaia. Onde ao olhar do viajante o indígena ou estrangeiro se dispara uma imensidade azulina que conforta, deleita, acalma e evocam passados que jaziam sepultados na alma.

Para outros essa paisagem paradisíaca contrasta com uma terra injustiçada e infeliz, no que diz respeito ao progresso. Em lamento desabafa outro morador dos sertões “a justiça na roça não passa de uma charmosa iniquidade”. (O sertão, 30/06/1916) Nessa perspectiva, o tema mais freqüente dos apelos recaia na inexistência de estradas e de telégrafos.

Em edição comemorativa do 2º aniversário do jornal O Tocantins, situado na cidade de Carolina, os clamores do isolamento e por sua vez das dificuldades de transporte e comunicação é expresso de forma bastante irônica, ao sinalizar que as vias de transporte e comunicação são “ainda os mesmos de um século atrás: o burro cargueiro e a ubá do caboclo”. (O Tocantins, 01/03/1916)

O “circuito rodoviário”, previsto e proclamado como o que romperia as barreiras geográficas nos sertões, só se concretiza em 1928-29, no governo de Magalhães de Almeida, com a abertura das estradas de rodagens permitindo a entrada de automóveis em alguns núcleos urbanos. (SANTIAGO, 1928)

Algumas cidades sertanejas, acompanhando o fluxo proporcionado pela navegação fluvial que fortalecia o comércio de sal e de couro, presenciaram um período de ebulição cultural nas primeiras décadas do século XX, impulsionado pela influência de: Belém, São Luís e Teresina. A efervescência de idéias do período possibilitou o

fortalecimento de uma elite ilustrada que almejava a construção de uma identidade sócio-cultural sertaneja.

As experiências sociais e os novos padrões de sociabilidade vivenciados constituem simultaneamente a invenção e (re)invenção de uma identidade regional. A elite ilustrada dos sertões maranhenses age como enunciadora de um discurso regionalista, ao formularem a *di-visão* do mundo social, enquanto negação de um discurso “de fora”, que a exclui e desconhece a “verdadeira” história dos sertões. Sendo o discurso regionalista performativo, pretende legitimar uma nova definição das fronteiras e fazer reconhecer uma nova delimitação espacial, embora à eficácia desse discurso perpassa “*a autoridade investida aquele que o anuncia*” e dependa do reconhecimento dentro do grupo. (BOURDIEU, 2003, p.116)

Na leitura de FOUCAULT (2001, p.153-165), a classificação e a delimitação de recortes espaciais são produtos de relações de poder, exercidas e multiplicadas pelos sujeitos, e a fabricação destes espaços se configura em campos de disputa pelo poder. Portanto, as noções de região e de território, se inserem numa “administração do saber” por meio de “*relações de poder que passam pelo saber*”. Ou melhor, é no campo das relações simbólicas de força que são tecidas as identidades ou grupos.

Dunshees de Abranches,⁴ intelectual ludovicence, exprime isso em *A esfinge do Grajaú*, livro de memórias onde relata sua passagem pelos sertões maranhense nas últimas décadas do século XIX. Em seu exílio voluntário, transita ente a fronteira intercultural que divide o sul do Maranhão da capital São Luís.

Para HALL (2001, p.88) os sujeitos exilados perdem a ilusão de um retorno ao passado, em virtude disso negociam com as novas culturas em que estão inseridos Constituindo novas formas de relações identitárias. Tecidas pelo cruzamento de trocas culturais e territoriais. Hall defende a idéia de “tradução” para descrever as formações identitárias que perpassam as fronteiras naturais, “compostas por pessoas que não foram dispersas para sempre de sua terra natal”. Para ele, esses sujeitos passam a desenvolver fortes ligações com suas tradições, sem, contudo acreditarem no retorno ao passado. Para Hall (op. cit. pág. 88/89), essas pessoas “*carregam os traços das culturas das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais forma marcados*”.

⁴ Bacharel em Direito e jornalista de São Luís foi nomeado Promotor da cidade de Grajaú, entre os fins do século XIX. A esfinge do Grajaú compõe a terceira parte de suas memórias e relata sua vivência nos sertões durante o período de disputa política entre as famílias Leda e Araújo.

Logo, Abranches, atua como um tradutor, se colocando na posição transitiva, mediando à relação entre os dois sistemas culturais, o do litoral e o do sertão. E sai na defesa de uma identidade sertaneja, os descrevendo como “*rebeldes natos*”, esquecidos do poder central. Extrai de suas memórias discursos de políticos e senhores locais que negavam a idéia de ter sido o sertão formado por retirantes e miseráveis que fugiram da seca, ou bandeirantes tidos como assassinos e ladrões. (ABRANCHES, 1993 pág.189)

Na fala de um desses senhores locais, Luis Leda, a idéia de que os sertões teriam sido formados por retirantes e miseráveis que fugiram da seca, ou bandeirantes, no geral assassinos e ladrões “fugidos da cadeia de Caxias e do Piauí, Ceará, Pernambuco e Bahia”, conforme visão bastante divulgada pela historia oficial, é negada. Para ele “*na realidade a alma nobre dos sertões*” seria constituída de homens nobres e corajosos que por não confiarem na justiça eram obrigados a “*agir de armas na mão*”. No discurso de outro intelectual do período, Isaac Martins, ao rememorar as lutas e o descaso dos sertões, dizia que, o “*sertão ainda é o Brasil, pois em cada um dos seus rincões, o sangue dos balaios deixou uma sementeira de liberdade*”. (op. Cit, 1993 pág.200)

Esses discursos são significativos, para observamos como a violência é apresentada como elemento mediador das relações entre os potentados rurais. E como a mesma, insurge como veículo presente na elaboração da identidade regional, ao tomarem as dobras das memórias e tradições como princípios constitutivos de seus discursos. Visava, sobretudo, contraporem-se as representações difundidas na capital do estado, que, na sua leitura, os viam como “*animais menos tratáveis e mais ferozes que os índios*”.

Uma outra visão interessante é a defendida por Raimundo Lopes, em “*Uma região tropical*”, obra de 1916 traçou o perfil dos múltiplos tipos regionais maranhenses, contribuindo para a interpretação da geografia maranhense. Ao analisar os sertões, enfatiza o predomínio dos latifúndios pastoris, as constantes migrações, o forte patriarcalismo, que se expressava “*pelo ódio visceral de famílias*”, destacando ainda, o papel da violência. (LOPES, 1970, pág. 179)

O sertão de LOPES é entrecortado pelos conflitos familiares e pelo excesso de individualismo do sertanejo, o que nutria “*as epopéias sangrentas de bandidos famosos que de tempo em tempo aparecem ao lado dos tiranetes locais*”. (op. cit, 1970, pág. 180) Ao mesmo tempo em que via o ludovicence como sujeito avesso à violência,

apontava o sertanejo como homem rude, de vivência simples, um degredado. A rudeza climática e humana, o drama das dificuldades de comunicação e o isolamento, contribuíam para a formação desse sujeito.

A ênfase dada ao problema do isolamento dos sertões em desequilíbrio com o “todo” maranhense, vivendo “uma parte” praticamente apartada da “outra”, teria fortalecido o coro dos intelectuais locais, que ansiavam pela integração do sertão ao litoral.⁵

Contrário às versões que identificam o sertanejo como bandidos e criminosos encontra-se Astolfo Serra. Ao analisar os atos de violência cometidos durante a Balaiada, esse autor faz um estudo da psicologia sertaneja, descrevendo o sertanejo como pacífico, honrado e hospitaleiro, que cometia crimes não por prazer, mas por rebeldia, ou melhor, “*pelo espírito independente dos caboclos que deixavam suas terras e roças e em lances de bravura pegavam em armas*”. (SERRA, 1940, pág. 203) Apesar de inverter o papel da violência na sociedade sertaneja, não a descarta, apresentando-a como forma de resolução dos conflitos. E, assim como Lopes, busca na mesma o elemento (per)formador do homem do sertão, embora veja na paisagem a sustentação para a tese de que as condições geográficas e sociais do sertão não geravam criminosos.

Essa multiplicidade de sertões, agenciada nas falas e representações coletivas, corresponde há uma teia de códigos culturais e simbólicos construídos que representam e instituem esta espacialidade, tanto como um signo múltiplo, quanto como um recorte “á parte” do “todo” maranhense. A idéia de divórcio entre litoral/sertão, é tão presente na construção identitária do sul do Maranhão, que sustenta, atualmente, o projeto de emancipação do sul.⁶ Essa idéia não é recente, remonta ao século XIX com a instituição da “República de Pastos Bons” e as ações tomadas nos anos 30 do século XX. A criação do Maranhão do Sul, seria para seus defensores a concretização de uma separação (histórica) que sempre existiu. (FERREIRA, 2006, v.4, nº2, pp.141/144)

Festa, cachaça e faca: A violência miúda.

Neste período, também se propagam na imprensa e, antigas *representações* que identificam o sertão como um mundo social engendrado na violência. A noção de

⁵ Faz a defesa de um Maranhão “renovado”, que só se faria pela total integração das “partes” ao “todo”.

⁶ Maranhão do sul é uma proposta de uma nova unidade da federação no Brasil O novo estado seria formado pelas porções meridional e ocidental do atual Maranhão.

representação aqui utilizada mantém estreito contato com a idéia de conflito, no sentido de que representações sociais seriam instrumentos de disputa de poder utilizados por diferentes agentes sociais. Para Bourdieu (2000, p. 139-144) as representações não podem ser entendidas apenas pela forma como os agentes sociais “lêem” o mundo em que vivem, mas também a maneira como contribuem para a construção desse mundo ao qual concebem.

Dessa forma, a prática da violência é representada pela imprensa tanto como imagem de uma sociedade inserida num “código de violência” (prática naturalizada nas relações sociais) quanto é reflexo do monopólio da violência pelos potentados locais.

Os discursos modernizadores pregavam a necessidade de se rever práticas tidas como incivilizadas, como exemplo, o caso ocorrido em Santo Antonio de Balsas no ano de 1915. Nessa vila, o delegado de polícia proibia “*qualquer pessoa andar no perímetro dessa villa armado com armas de fogo, faca, facão, cacete ou qualquer outra arma proibida*”, ou ainda “*atirar-se a qualquer arma de fogo no perímetro da villa, assim como se fazer chinfrins, batuques e qualquer algazarra que incomode o sossego publico da localidade*”. (O Tocantins, 12/02/1915)

Tais proibições evidenciavam costumes arraigados no cotidiano dos sertões, como o de carregar armas. Belicosidade que, tanto estava ligada à defesa da honra e à vingança, em virtude do isolamento em que viviam e da ausência de justiça, como estava presente em práticas lúdicas, cuja forma mais freqüente eram os tiroteios nas praças das cidades. Como podemos observar na matéria abaixo: (O sertão, 15/04/1918)

E notável a decadência do “judas” em Carolina. Francamente e um índice de bons costumes. Pelo contrario, causa estranheza e vergonha o tiroteio de rifles e revolveres, desde alta madrugada até as sete da manha, a titulo de “romper (da aurora) alleluia.

A malhação do Judas, ritual bastante popular no Nordeste brasileiro, encenada no sábado de aleluia, e motivo de preocupação para os moradores de Carolina, ao afrontar os ideais de civilidade, era visto como pratica típica de “*aldeias e lugares atrasados*” e representava risco para os moradores das áreas circunvizinhas onde eram encenadas as cenas de faroeste, em geral casebres de palha repicados pelas balas dos rifles em plena madrugada.

Além do uso de armas, um outro elemento era visto como combustível para a violência: o álcool. (O Norte, 20/05/1919)

Alcoolizados e propensos a desordem, armaram discussão na Bella Aurroa, perto do Moro do Chapeo, Bento Parente e Jose Pihauy dos Reis. O primeiro queria forçar o outro ao jogo do cacete, o qual foi investido de facão em riste deu-lhe um golpe profundo na carótida, prostando-o morto. O assassino acha-se preso na cadeia publica.

Considerado um dos males do sertão era alvo de campanhas educativas e proibitivas. Tratando-se de combustível para a violência, e visto como elemento degenerativo do sertanejo implicava em vício e falha de caráter. As campanhas que preenchiavam páginas inteiras dos jornais de época almejavam combater os malefícios provocados pelo uso abusivo da cachaça.

Via de regra, essas significações imaginárias tomavam forma nas cidades, por funcionarem como “núcleo de civilização”, dentro do sertão (GUIMARÃES NETO, 2006, p.21). Nesses centros circulavam idéias e mercadorias, assim como se delineavam relações sociais de sujeitos em constante trânsito nas fronteiras com os estados vizinhos. É nessa relação fronteira, que se estabelece o discurso que responsabiliza os “de fora” – migrantes, forasteiros e ciganos – pelos surtos de criminalidade nas cidades.⁷ Como ilustra o exemplo abaixo: (O Tocantins, 05/08/1917)

(...) não tem sido pequeno o numero de prisões correccionais effectuadas em indivíduos arrebios e vagabundos que vae proliferando entre nos, devido não só a imigração de outras localidades maranhenses, como principalmente de outros estados.

A violência aparece como algo externo, atribuída aos *outsiders*, por serem “*indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros.*” (ELIAS, 2000, p. 26/27) As dificuldades sentidas pelas populações pobres do interior do país, favoreceram os deslocamentos para as áreas sul amazônicas. Sendo o Maranhão a porta de entrada, principalmente para a exploração da castanha. Logo, a migração nordestina era uma constante. Entrando saindo levadas e levadas de sujeitos para: os garimpos de diamantes, para a exploração do caucho e fugindo das secas.

Dos estudos sobre a violência em sociedades rurais, “*Homens livres na ordem escravocrata*” de Maria Sylvia C. Franco, serviu de referência para muitas produções acadêmicas. Nesse trabalho, a autora explora o universo social dos trabalhadores livres na segunda metade do XIX e identifica a existência de um “código do sertão” que

⁷ A migração nordestina era uma constante, entrava e saía levadas de sujeitos para: os garimpos de diamantes, para a exploração do caucho e fugindo das secas.

mediava às relações sociais e econômicas da população sertaneja. Para a autora, a violência era uma prática rotinizada e banalizada na vida do campo, fazendo-se presente nas relações de trabalho, lazer e parentesco. Segundo Franco, a organização dessas sociedades rurais contava com alto grau de mobilidade dos homens livres, devido à marginalização diante do sistema econômico que, voltado para a larga produção, os excluía. Isto propiciava a frouxidão das relações no mundo do trabalho e um estilo de vida diferenciado. Essa marginalização diante do sistema de produção mercantil fez do homem do interior um andarilho. (FRANCO, 1997)

O fluxo intenso nas fronteiras do sul do estado com outras regiões fortalecia o coro dos discursos que pregavam a dinamização da região e o maior aproveitamento das divisas para o restante do estado. Para Raimundo Lopes esse isolamento e abandono da região correspondiam a um problema que precisava ser sanado, para que não se agravasse a segregação da região, que nessa perspectiva “*continuará esquecida da outra metade, num mundo à parte*”. (LOPES, 1970, pág. 180)

Roger Chartier, ao problematizar o processo no qual as imagens e discursos se transformam e são reconstruídos e/ou apropriados por um dado grupo social, formula as noções de *apropriação e representação*. As apropriações visam uma “*história social dos usos e interpretações*”, ou melhor, é o processo pelo qual os discursos se transformam ao passarem de uma época para outra. (CHARTIER, 2002, p. 68) As representações são “*esquemas de classificação incorporados sob a forma de categorias mentais por cada grupo*”.

Nessa perspectiva, representações seriam classificações, divisões, delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real. (Idem, 1990, pág. 17/18) Cabe, portanto, a reflexão sobre quais aproximações e equivalências são estabelecidas e selecionadas na criação de sentido para um passado que nos chega enquanto discurso. Ou seja, sobre o ponto que articula o mundo texto/imagem com o mundo do sujeito, pois, os discursos, enquanto produtos/produtores de bens simbólicos devem ser percebidos como especificidades inscritas em determinados lugares de produção, condições de possibilidade e de regulação.

Portanto, são nesse terreno movediço que se emaranham campos de batalha, onde a cada instante uma heterogeneidade conflitante de imagens são negociadas. Seja pelo vetor bélico, certo nos tiros, seja pelo vetor estético, certo nas palavras.

Como nos lembra ALBUQUERQUE (2007, pág.27), os eventos históricos são produtos de relações sociais tensas; perpassadas pelo exercício do poder e produto de práticas e atitudes humanas e individuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

ABRANCHES, Dunshee de. *A esfinge do Grajaú*. São Luís: ALUMAR, 1993.

ALMEIDA, José Magalhães de. *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado do Maranhão*, em 05 de fevereiro de 1927. Maranhão: Imprensa Oficial, 1929.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do gado*. Conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: SIOGE, 1992.

CARVALHO, Carlota. *O sertão*. Subsídios para a história e geografia do Brasil. Imperatriz: Ética, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre as práticas e as representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. *À beira da falésia*. A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

COELHO NETO, Eloy. *História do sul do Maranhão*. Terra, vida, homens e acontecimentos. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1979.

CORREA, Viriato. *Contos do sertão*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier Irmãos, 1933.

DE CERTEAU. Michael. *A invenção do cotidiano*. 1.Artes de fazer. Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

DIAS, Antonio. *O sertão maranhense*. Esboço geológico phisiographico e social. Maranhão Imprensa Oficial, 1922.

ELIAS, Nobert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder numa pequena comunidade*. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 2000

- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. GRAAL, 2001.
- _____. *A Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*. São Paulo: Loyola, 2003.
- FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- FREITAS, Geovani Jacó de. *Ecos da violência*. Narrativas e relações de poder no nordeste canavieiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Núcleo de antropologia da Política/UFRJ, 2003.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração*. Memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: Ed. da UFMT, 2006.
- HALLI, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- JEZUS. J. Palhano. *Defeza da fiscalização da Estrada de Ferro de São Luiz a Caxias*. Maranhão: Pacotilha, 1911.
- _____. *Relatório do reconhecimento da estrada de ferro Itapecuru ao Tocantins, apresentado ao engenheiro Antonio Lassance Cunha*. Maranhão: Imprensa Oficial, 1910.
- LOPES, Raimundo. *Uma região tropical*. Rio de Janeiro: Fon-fon e Seleta, 1970.
- MACEDO, Demosthenes. *Relatório de Demosthenes Macedo*, Secretário do Interior, ao Governador do Estado, Herculano Nina Parga, em 12 de janeiro de 1917. Maranhão: Imprensa Oficial, 1917.
- MACHADO, Marcelino. *Pelo Maranhão*. Typ. do Diário do Maranhão de S. Luiz, 1928.
- MARANHÃO. *Código de Processo Criminal do Estado do Maranhão*. São Luiz: Imprensa Oficial, 1926.
- MARANHÃO. *O crime do Grajahú*. Maranhão: Imprensa Oficial, 1892.
- OLIVEIRA, Antonio Augusto Pires. *O capitão da Serra Negra*. Relato de Gonçalo Moreira leite. São Paulo: Martins, 1998.
- PAXECO, Fran. *Geografia do Maranhão*. São Luiz: Typ. Teixeira, 1923.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SANTIAGO, Clarindo. *Estradas maranhenses*. (A excursão do presidente Magalhães de Almeida em 1928, para a inauguração das novas estradas sertanejas) Maranhão: Typ. Teixeira, 1929.

_____. *Rumo ao sertão*. As rodovias maranhenses inauguradas pelo presidente Magalhães de Almeida em 1928. Maranhão: Typ. Teixeira, 1928.

SERRA, Astolfo. *A Balaiada*. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1940.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

Jornais e revistas:

O Norte (Barra do Corda, 1892-1935)

O Tocantins (Carolina, 1914-1918; 1923-1930)

O Sertão (Carolina, 1916; 1928)